

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**Curso de Especialização em Formação Integrada Multiprofissional  
em Educação e Ensino da Saúde**

**Diovani Schreiber Pires**

**A DOCÊNCIA A PARTIR DE UMA OPORTUNIDADE:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO TÉCNICO**

**Porto Alegre  
1o. Semestre  
2014**

Diovani Schreiber Pires

**A DOCÊNCIA A PARTIR DE UMA OPORTUNIDADE:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO TÉCNICO**

Curso de Especialização em Formação Integrada Multiprofissional em Educação e Ensino da Saúde, do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dda. Alana Martins Gonçalves.

Porto Alegre  
2014

Eu preciso agradecer de coração à minha esposa, Nélsi König Pires, pelas horas que precisei roubar do nosso convívio as quais dediquei ao curso. Também agradecer pela torcida, inspiração e estímulos recebidos de minha filha, a professora Bárbara König Pires Pereira e meu amado genro Yuri Vasconcelos Pereira, de minha querida nora, Mestra em Pedagogia a professora Daniela Strüssmann Pires e a meu filho, músico e professor universitário Thomás König Pires.

Ao ver encerrado este trabalho, eu quero expressar o meu mais sincero agradecimento...

... à minha orientadora Professora e Doutoranda Alana Martins Gonçalves, que durante todo o curso nos auxiliou como tutora, mantendo-se calma e prestativa a todos nós durante as tutorias, dispondo-se a nos visitar no nosso local de trabalho, poupando-nos o deslocamento, instruindo-nos no bom caminho da docência.

... aos tutores incansáveis na busca pela manutenção do ânimo da turma durante as aulas noturnas e aos sábados, amenizando as angústias da distância entre a universidade e professores, bem como permitindo-nos desmistificar a comunicação eletrônica com o Moodle.

... aos colegas de curso José Matias Rizzotto e Uady Rocha Sessim, dos grupos de trabalho, a todos os colegas que durante o curso não desistiram de acreditar na implementação de uma escola com a finalidade de formar gente capacitada para trabalhar pelo Sistema Único de Saúde.

... à diretoria e principalmente aos colegas de trabalho no GHC que nos apoiaram nesta empreitada cobrindo a lacuna por nós deixada durante este período de estudos.

... ao pessoal da Escola GHC, funcionários, professores e alunos, coordenadora profa. PhD. Rosa Maria Levandowski, pela oportunidade, estímulo e confiança a nós emprestada durante todo o tempo que pudemos estar nesta empreitada.

“A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Ninguém liberta ninguém, nem ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão.”

Paulo Freire.

## **RESUMO**

Este trabalho relata a trajetória de um profissional com experiência em Sistemas de Informação na área da saúde, que teve como oportunidade o ingresso no curso de especialização na área de educação quando convidado a fazer parte do corpo docente da recém criada Escola GHC, uma das entidades componentes do denominado Grupo Hospitalar Conceição. A partir de uma ambientação histórica, o relato conta um pouco das impressões vividas pelo autor com a experiência de ensinar e mostra o quanto as dificuldades de lidar com o assunto ensino e o desconhecimento de recursos pedagógicos o fizera retornar aos bancos escolares. A busca por formação e as situações de dificuldades encontradas na atuação docente sem a habilitação formal e também sem a experiência mínima necessária, são relatadas com a visão do profissional que tem na perspectiva do ensinar, a possibilidade de resgatar a oportunidade de também retomar sua própria formação.

Palavras-chave: Docência, ensino técnico, formação.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	8
1.2 OBJETIVO.....	9
<b>2 AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA.....</b>	<b>10</b>
2.1 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL .....	10
2.2 A OPORTUNIDADE PARA A DOCÊNCIA .....	13
<b>3 A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR .....</b>	<b>16</b>
3.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES .....	16
3.2 AS DIFICULDADES .....	18
<b>4 A BUSCA POR AJUDA .....</b>	<b>20</b>
4.1 O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FORMAÇÃO INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E ENSINO DA SAÚDE .....	20
4.2 AS PERSPECTIVAS E NOVOS SABERES .....	21
4.3 O PLANEJAMENTO COMO ALIADO NA SALA DE AULA .....	22
4.4 UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DO CURSO CTRIS .....	24
<b>5 ENSINAMENTOS APREENDIDOS .....</b>	<b>27</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui apresentado foi elaborado com a intenção de relatar a experiência da prática docente, realizada na Escola GHC, no Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde – CTRIS.

A primeira motivação para descrever este processo, veio do desejo de anunciar à comunidade escolar a necessidade de formação de profissionais com experiência na área da saúde, os quais se disponham a repartir estas experiências com aqueles que, iniciando uma carreira, possam apreender não só teorias, mas principalmente desmistificar a prática.

Entretanto a necessidade de formação na área da educação se faz necessária na medida em que a prática, como resultado de muitos anos de trabalho, ainda que aperfeiçoada pelo repetir diário do processo, não encontra o entendimento imediato daquele que anseia por conhecimento. Necessita, portanto que o profissional com experiência, possa habilitar-se na arte de ensinar os conhecimentos aprendidos.

O trabalho em forma de narrativa relata inicialmente sobre aspectos históricos da vida do autor, mencionando o contexto em que se originou a oportunidade de realização do trabalho aqui relatado. Discorro a seguir sobre a minha experiência dos primeiros contatos com a atividade docente, bem como as dificuldades enfrentadas durante esta tarefa.

O capítulo a seguir retrata a solução encontrada para suprir as dificuldades iniciais, com a busca pela especialização na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde tive a oportunidade de vivenciar juntamente com vários colegas em igual situação, a trajetória de aprender a ensinar. Trato ainda no mesmo capítulo das perspectivas visualizadas para a tarefa, agora como professor habilitado ao ensino em escolas de nível técnico, para trabalhadores na área da saúde.

Ao final, faço algumas reflexões importantes, sobre a experiência de poder contribuir para o engrandecimento e emancipação de pessoas que, ávidas por incluírem seus nomes dentre aquelas que não só passam pela história, mas a reescrevem e vivem plenamente.



## 1.1 JUSTIFICATIVA

A prática docente ocorrida sem habilitação formal nem experiência prévia em um curso técnico, certamente não é a melhor opção para o candidato a professor iniciar sua carreira. Além de ser uma atividade extremamente exigente, a docência requer planejamento, preparação, dedicação além de bom conhecimento do assunto a ser ministrado.

Por certo a minha trajetória como professor do Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde (CTRIS), pode ter sido considerada, de maneira geral, bem satisfatória até o momento. Por outro lado, neste aspecto, devo considerar que naquele momento a Escola GHC tinha grande necessidade de dispor de um professor para abordar conteúdos de Sistemas de Informação e Informática no ambiente da Saúde. Normalmente é difícil encontrar um professor com alguma experiência em ensinar estes conteúdos, mas a Escola precisava alguém que conhecesse o ambiente da saúde, o que levou a procura à Gerência de Informática do Hospital.

A intenção de relatar a experiência vivida desde a implantação do curso técnico na Escola GHC, através de uma narrativa, é extremamente necessária, na medida em que durante o aprendizado neste Curso, pude ter uma ideia daquilo que se tem por ideal na atividade de ensinar e aprender em sala de aula. O relato certamente não se limitará a contar as dificuldades vividas e as situações que me defrontei durante as atividades em sala de aula, mas também deverá fazer um paralelo com as diversas teorias que vimos no Curso de Especialização em Formação Integrada Multiprofissional em Educação e Ensino da Saúde (CEFIMEES).

Outra possibilidade que certamente irá decorrer desta narrativa e posterior análise deste período de formação, é a mudança de atitudes que venham a ser consideradas inadequadas, resultado de acurada reflexão, bem como a implementação de metodologias já utilizadas e estudadas, as quais possam despertar nos alunos o estímulo necessário para aprendizado e a paixão pelo conteúdo.

A modalidade Pesquisa Autobiográfica – Narrativa de formação docente, me parece ser adequada ao propósito do nosso curso. Vi em uma definição, uma grande identificação com minha trajetória e optei por ela. Segundo a autora através da narrativa se aprende a analisar a realidade, a organizar a experiência e a conferir sentido ao que se vive e ao mundo em que se vive (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Ora, se podemos analisar a luz do conhecimento teórico as atividades desenvolvidas de maneira empírica, conferindo sentido a esta vivência, certamente poderemos reorganizar a nossa prática para poder oferecer ao educando sentido para sua própria vida e também à vida do educador.

## 1.2 OBJETIVO

Esta narrativa tem por objetivo expor a experiência docente vivida por um profissional oriundo da área de Sistemas de Informação com atuação profissional na área da saúde. Além de atender aos requisitos formais de um curso de especialização, pretende que esta exposição possa trazer ao leitor e à comunidade escolar envolvida, uma reflexão sobre o processo educacional no ensino técnico.

## 2 AMBIENTAÇÃO HISTÓRICA

### 2.1 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Nascido em uma família muito pobre, residente em uma pequena cidade da Grande Porto Alegre, aprendi muito cedo que para poder almejar uma vida com alguma expectativa promissora deveria estudar e também aprender uma profissão. Lembro-me de que na época uma profissão respeitável era aquela compatível com o trabalhador de banco, que passava o dia inteiro num escritório confortável e no final do mês teria garantido um bom salário.

Ao terminar os estudos do nível fundamental que era composto pelos períodos que se chamavam ensino primário e ginasial, já trabalhara por dois anos em um supermercado local, onde o salário era simbólico, mas que segundo meu pai servira para “não andar correndo pela rua”. Mas com a nova situação de já ter concluído o chamado 1º. Grau deveria prosseguir para o 2º. Grau em busca de melhor formação.

Neste momento da vida o jovem raramente decide alguma coisa, mas sim, vai “no rastro” de outros que também estão na mesma situação e comigo não foi muito diferente. Como a minha irmã havia iniciado o curso de magistério no 2º Grau em Porto Alegre, me foi acenada a possibilidade de também ir para a capital estudar em um curso de minha preferência. Como a mesma escola formava também Técnicos em Administração achei que combinava com as expectativas da infância e aceitei o desafio, pois já estava fazendo um curso de datilografia, para poder trabalhar em escritório.

O ano letivo já começara e em meados do mês de abril apareceu uma oportunidade, trazida por um amigo da vizinhança, que me convidava para substituí-lo no cargo de Office-boy, uma vez que ele havia sido promovido a Auxiliar de Escritório do Hospital Nossa Senhora da Conceição. É claro que uma oportunidade como esta não poderia perder e aceitei o convite, iniciando a vida profissional no dia 25 de abril de 1974. Começava com isso também uma dura rotina que iniciava no trabalho em Porto Alegre às 07 h e 30 min. da manhã,

encerrava às 18 h, seguia para a escola às 18 h e 30 min. e em torno de 23 h tomava o ônibus retornando à cidade de Cachoeirinha, a uns 30 minutos depois, juntamente com meia centena de jovens que faziam a mesma rotina.

O trabalho como Office-boy consistia em encaminhar e resgatar documentos de pacientes ao então Instituto Nacional de Previdência Social - INPS com o fim de autorizar as internações hospitalares. Naqueles tempos, teria direito à assistência médica e hospitalar quem estivesse formalmente empregado e possuísse documentação que comprovasse isso. Era um trabalho, na minha ótica de iniciante, extremamente importante, na medida em que o resultado de minha atuação garantiria a assistência ao paciente e como consequência o pagamento da conta hospitalar.

Passou-se menos de um ano e em fevereiro de 1975 houve a estatização dos hospitais do GHC e, com isso o trabalho de autorização das internações passou a ocorrer no próprio hospital. Fui então promovido a Auxiliar de Escritório, permanecendo o dia inteiro no setor de Faturamento do hospital.

Em uma empresa de grande porte como é o GHC, muitas oportunidades aparecem e naquele ano viria a surgir vaga para trabalhar em um setor bem desconhecido, mas de grande importância na rotina administrativa do complexo hospitalar. O Centro de Processamento de Dados – CPD estava naquela época em fase de estruturação e as demandas por novas tecnologias estavam surgindo como solução para o grande volume de trabalho burocrático. A perspectiva era boa, pois era um setor que sempre teve boa reputação entre os colegas e conhecido por abrigar pessoas de grande capacidade intelectual. Mas havia uma restrição que pesava bastante, pois o horário de trabalho proposto era durante a madrugada. A seleção incluía testes psicológicos e entrevistas durante um dia inteiro concorrendo com uma dezena de candidatos externos e internos.

Passada a seleção, me despedi do chefe e dos colegas e iniciei uma rotina nova e bastante marcante que foi o fato de estudar a noite, trabalhar de madrugada e dormir durante o dia, rotina também bastante comum na área hospitalar.

Como o CPD estava em estruturação, a carência de profissionais na área era bastante grande, não só no GHC como também em todo o país, que via no processamento de dados a grande solução para a área administrativa. Com isso muitas oportunidades apareceram e eu sempre que podia me candidatava a um novo desafio, passando pelas funções de Perfurador de Cartões, Operador de Computador, depois de terminar o 2º Grau em 1976 e após um curso de férias na UFRGS chegando a posição de Programador. Em 1980 iniciei meu período universitário prestando vestibular para Matemática. Não era bem na área da Ciência da Computação, curso muito concorrido na época, mas estava na área das exatas e foi muito importante para o desenvolvimento profissional.

Em 1982, após um período de pouco trabalho no CPD, deixei o GHC e fui trabalhar em outra empresa a Datamec Processamento de Dados, que tinha um parque tecnológico que atendia a Caixa Econômica Federal no processamento de Loterias e Controle de Mutuários, basicamente, com atuação em nível nacional. Mudando de empresa, também mudei de curso e prestei novo vestibular, agora para Administração de Empresas, um curso que considero menos exigente, com horário apenas noturno, o que possibilitava estudar e trabalhar sem conflito de horários. Nesta empresa também ocorreram oportunidades de progresso profissional e em 1983 fui promovido a Analista de Sistemas, cargo que tenho ocupado até hoje.

Em 1990, a convite do Gerente de Informática do GHC, retornei ao GHC com o novo desafio de participar da implementação do sistema de controle de toda a área médica, uma vez que até este momento havia apenas o controle dos serviços da área administrativa. Fora adquirido, para isso, um novo computador de grande porte exclusivo para esta tarefa.

A partir das implementações dos sistemas de controle na área da assistência, muitas coisas mudaram nos hospitais do GHC. Passamos a efetivamente ver aos poucos a própria assistência aos pacientes podendo ser atingida pela utilização da tecnologia. A utilização de recursos tecnológicos e informacionais deixaram de ser exclusividades da burocracia, para auxiliarem nas decisões vitais das pessoas.

## 2.2 A OPORTUNIDADE PARA A DOCÊNCIA

Em dezembro de 2001 houve uma grande reestruturação organizacional das empresas do GHC, quando foi criada a Gerência de Ensino e Pesquisa GEP/GHC. Esta gerência passou a ser o órgão responsável pela gestão das áreas de ensino e de pesquisa, com a descentralização dessas atividades nos diferentes hospitais e serviços do GHC.

Com a publicação da Portaria Interministerial MEC/MS nº1000, datada de 15 de abril de 2004, e a Portaria nº 1005, datada de 27 de maio de 2004 os Hospitais do GHC encaminharam a documentação necessária para reconhecimento pelo Ministério da Educação e Cultura como Hospital de Ensino. Com a publicação da Portaria nº 1704, datada de 17 de agosto de 2004, os Hospitais do GHC passaram a ser certificados como Hospitais de Ensino e a Gerência de Ensino e Pesquisa passou a centralizar todas as ações relacionadas à formação de profissionais na área da saúde (BRASIL. Ministério da Saúde, 2004).

Em 28 de outubro de 2009, o Conselho de Administração do GHC, autorizou a criação do Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde – Escola GHC, ficando caracterizada como uma instituição pública, democrática e popular de educação técnica profissionalizante, de graduação e pós-graduação em saúde, procurando dessa forma congrega o ensino, pesquisa e extensão, visualizando a educação contínua e permanente em saúde e da participação social (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2009).

Atendendo a criação da Escola, inaugura-se, no primeiro semestre de 2010 o processo para a formação técnica profissional em parcerias com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, Fundação Osvaldo Cruz – FIOCRUZ e com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e inicia-se a constituição de seu corpo docente com vistas a ministrar o Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2010).

O curso Técnico em Registros e Informações em Saúde da Escola GHC tem como objetivo a formação de profissionais capazes de atuar, com conhecimentos técnicos de excelência, nas atividades que envolvam documentação, registros e estatísticas de dados em saúde, orientados pelos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde, contribuindo para a continuidade da atenção integral à saúde, através da formação profissional de cidadãos comprometidos com a prática profissional e do atendimento humanizado com qualidade (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2010).

Como parte das atividades do GEP-GHC, foi lançado, em março de 2008 um edital com chamamento para o Curso de Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde - CEICTS, lato sensu, cuja oportunidade me chamou a atenção. Eu já havia me formado em 2001 e desde então carecia de alguma forma de atualização na área de tecnologia. Ingressei no curso e passei a ter um novo título, qual seja o de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

Em junho de 2010 foi então lançado um edital chamando profissionais do GHC a se inscreverem para formação do corpo docente na Escola GHC, para o Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde. Estimulado pelo meu gerente, que já neste tempo vinha colaborando como docente do CEICTS e também por convites incentivadores dos já docentes da Escola me inscrevi como candidato para colaborar no processo, pois sabia que na área de sistemas de informação não havia outros candidatos.

No dia da seleção fiquei sabendo que haveria uma seleção e uma banca de professores e acadêmicos vinculados a FIOCRUZ e da própria Escola estariam aguardando para a entrevista. Durante a entrevista descobri que eu não tinha, nem habilitação para o cargo pretendido, nem a noção das mínimas técnicas da didática, necessárias para organizar a prática em sala de aula. Em minha defesa argumentei que estava disposto a colaborar com a escola e sabia de antemão da minha carência em formação na área da educação. Estaria disposto a assumir o compromisso de trazer a minha experiência em treinamentos realizados na implantação de sistemas nos setores onde são implantados, tentando adaptar esta

experiência na escola. Nas palavras de Paulo Freire (1996), “Ensinar exige comprometimento”.

Em 19 de julho tivemos a divulgação dos classificados na seleção e o meu nome veio associado a eixo temático que me pareceu um pouco estranho. Informática Aplicada a Saúde me pareceu um pouco terapêutica demais, mas refletindo um pouco cheguei à conclusão que a informática já vinha sendo aplicada à saúde desde os tempos em que a informação passou a ser um recurso terapêutico importante e aceitei bem a ideia.

Nas palavras de Chauí (1993), temos que os sujeitos políticos participam da vida social em proporção ao volume e qualidade das informações que possuem. A partir das suas possibilidades de acesso às fontes de informação e de condições favoráveis de aproveitamento delas, podem intervir como produtores do saber.

Com a divulgação do resultado dos classificados, passamos todos os antigos e novos docentes, a respirar escola, planos, eixos temáticos, didática, reuniões de planejamento e todos os termos que a maioria discutia com conhecimento de causa, mas que a mim deixava perplexo pelo desconhecimento de tanta teoria que embasava aquelas práticas. Até mesmo um Plano de Desenvolvimento Institucional de Ensino, (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2009) fora elaborado para balizar o trabalho docente.



### 3 A EXPERIÊNCIA DE ENSINAR

#### 3.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

As aulas do CTRIS iniciaram na segunda semana do mês de agosto de 2010 e as salas localizavam-se em um prédio de escritórios nas cercanias do hospital onde algumas dificuldades naturais sobressaiam, como o barulho externo e o calor interno, que obrigava-nos, alunos e professor a maior concentração. A minha primeira atuação como professor, entretanto, só se deu em meados do mês de novembro, pois estava dividindo com outro professor o mesmo eixo temático.

A organização curricular do curso constitui-se de seis Eixos Temáticos, que tentam agrupar unidades temáticas segundo uma unidade funcional (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2010). O eixo temático que eu assumi então, juntamente com outro professor, foi o intitulado “A Construção de Dados em Saúde II”, que trabalha as várias classificações de doenças, procedimentos, denominações comuns e outras padronizações já existentes em nível nacional e, mais especificamente na área de informação, a construção dos sistemas informatizados.

Na primeira aula achei importante estabelecer alguma relação mais amistosa com os alunos e para tanto propus uma apresentação individual informal, onde todos contaram alguma coisa da sua vida e dos seus projetos. Da mesma forma eu me apresentei, contando minha história de vida e dentro do GHC. Conseguimos conversar bastante, de onde me veio a impressão de que a melhor aula que se pode dar tem a ver com a experiência vivida e com o registro da relação estabelecida.

O assunto programado para aquela primeira aula ficou um pouco prejudicado, uma vez que necessitei de toda a aula seguinte para terminar de apresentá-lo. Mas, se gastamos duas aulas para um assunto programado para uma, por outro lado pudemos estabelecer uma boa relação de confiança e amizade, que seria muito importante para o resto do semestre.

Neste ponto recordo da noção de planeamento mencionada por Ferreira (2000), quando menciona a ideia de que uma ação planejada não é uma ação improvisada e uma ação improvisada é uma ação não planejada. E neste período inicial eu ainda não havia parado para pensar e chegar a esta conclusão, quase singela, mas que passou mais tarde a me acompanhar.

Naquela primeira aula também pude concluir que a expectativa dos alunos diferenciava um pouco do que eu imaginava para eles, em termos de conteúdo. Ainda que, dentro do eixo temático houvesse a previsão de conteúdos, no que se refere à construção de sistemas informatizados, havia oportunidade de mostrar diretamente a eles como pensa o Programador, profissional que participa da confecção dos programas e como eles funcionam dentro do sistema. Já da parte dos alunos, estavam todos ávidos por aprender a utilizar ferramentas de trabalho em informática como Word, Excel, Power Point, etc. Na verdade a minha experiência como usuário destes programas não era muito grande e certamente conseguiriam melhor instrutor em qualquer curso pela internet ou em alguma escolinha de informática.

O que me interessou naquele momento, e também passou a ser minha preocupação no início de uma turma nova, foi o de saber que estavam motivados para aprender. Em geral, e principalmente nas primeiras edições do curso, os alunos não sabiam bem em que curso eles estavam participando. Isso também era importante esclarecer, para não haver frustrações futuras, de ambas as partes.

Até o final do semestre pude trazer aos alunos todo o material que havia me proposto a partilhar com eles e descobri, junto com eles que estavam satisfeitos por terem visto conteúdos diferentes do que imaginavam no início do curso e na avaliação que fizeram puderam demonstrar isso.

### 3.2 AS DIFICULDADES

Ao tomar contato com a escola e já fazendo parte do corpo docente, percebi que o tema Informática Aplicada a Saúde comporia um eixo temático sobre a Construção de Dados em Saúde I. As aulas ocorreriam no 2º semestre do curso, o qual era programado para três semestres.

As aulas ocorriam em apenas um dia na semana para cada professor, com duração de 4 horas e um intervalo combinado com os alunos, ao final da segunda hora, em torno de 15 minutos. A minha maior preocupação, como deve ocorrer com a maioria dos professores iniciantes, era a de encontrar material suficiente para uma aula atraente aos alunos.

As dificuldades iniciais em um novo ambiente por si só já complicam a vida de qualquer profissional, até que se encontre e se habitue à nova rotina. De minha parte, eu não tinha noção do currículo do curso, no que se refere ao conteúdo e também não sabia quais conteúdos eram ministrados pelos outros colegas professores, de maneira que os assuntos que eu porventura viesse a tratar em minhas aulas poderiam se repetir nos demais eixos. Eu não tinha ideia de um plano de ensino, por exemplo, que pudesse e devesse ser discutido e pactuado com os demais professores. Um plano de aula, com planejamento e detalhamento, também não fazia parte dos meus instrumentos de trabalho, até então.

Mais tarde pude tomar contato com textos, como da Regina Barros Leal, que questiona o que significa planejamento do ensino e suas finalidades pedagógicas? O que é o planejamento docente? O plano de aula? O projeto de disciplina? A programação semestral? O projeto pedagógico? Leal (2005). Esses conceitos passariam a fazer parte da minha vida docente.

Esta situação de insegurança com relação ao conteúdo a oferecer para os alunos de um curso que pretendia formar profissionais com um perfil amplo, conforme o plano do curso preconizava, me fez lembrar os meus primeiros cursos sobre análise de dados.

O perfil do egresso do Curso Técnico de Registros e Informações em Saúde objetivado é um sujeito ativo no aprimoramento e qualificação das instituições que utilizam e produzem informações sobre a saúde da população, principalmente as integrantes do SUS e do sistema nacional

de ciência e tecnologia, por meio da qualificação dos registros e do uso da informação para o monitoramento, controle, avaliação, assim como para o planejamento do cuidado e da gestão de processos de trabalho, serviços, redes e sistemas de saúde (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC. Escola GHC, 2010, p. 22).

Inicialmente me limitei a planejar a “próxima aula”, com a ideia de mostrar aos alunos aspectos históricos da informática e internet, noções de como é o pensamento do Analista de Sistemas, quando ele está criando uma rotina que vai ser “operada” pelo usuário lá no setor de trabalho, onde iria trabalhar o profissional formado neste curso.

Com o tempo percebi que existia uma grande curiosidade da parte dos alunos em saber como eram os sistemas de informações do GHC. Então passei a incluir a explanação das telas de operacionalização dos sistemas, utilizadas pelos usuários dos diversos setores do GHC no meu “menu” de opções a serem apresentadas aos alunos. Com isso já consegui muitos assuntos e muitas aulas já prontas para levar à turma.

A demonstração de como operam os funcionários nos setores, conforme cada rotina de trabalho, apesar de não deixar liberado a cada aluno a sua operação, pode ser vislumbrado por este uma noção da realidade e o contexto em que se encontram os funcionários dos mais diversos setores do GHC.

Mais adiante incluí nas aulas do final do semestre as pesquisas às bases de dados nacionais do Ministério da Saúde, onde eles poderiam ter uma ideia da importância da elaboração dos dados iniciais. A partir de seu adequado registro, estes mesmos dados gerados na rede assistencial local, poderiam se agregar a dados de toda a rede, formando uma base muito importante, onde os governos e gestores públicos tomam decisões que afetam a população como um todo.

## 4 A BUSCA POR AJUDA

### 4.1 O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FORMAÇÃO INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E ENSINO DA SAÚDE

No processo de comunicação existente no GHC, destaca-se a característica de chamamentos para as mais variadas atividades, avisos e comunicações dos diversos setores, e dentre estes os editais de cursos e oportunidades de atualização nas mais diversas áreas. Tudo isso circula diariamente na rede interna do correio eletrônico, exigindo dos usuários da rede alguma atenção para desprezar o que não interessa e selecionar o que não pode ser deixado de lado.

Em 10 de outubro de 2011 foi lançado, a partir da intranet do GHC aos seus funcionários, o primeiro chamamento para inscrição e seleção em um curso que me chamou atenção, qual seja o Curso de Especialização Formação Integrada Multiprofissional em Educação e Ensino da Saúde - CEFIMEES. O curso tinha o propósito de especializar profissionais na área de educação e ensino da saúde em um período de 24 meses, com a chancela da mais bem conceituada universidade do Brasil, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Ao analisar o currículo do curso, lançado no edital de 10 de outubro de 2011, me chamou a atenção o objetivo, o qual se propunha

Oferecer formação especializada e multiprofissional incluindo competências e habilidades gerais para a atuação no campo pedagógico-educacional, em especial para o ensino, a gestão de processos formativos e o desenvolvimento cognitivo de indivíduos e coletivos no contexto sanitário (UFRGS, 2010, p. 1).

Ora, na situação em que me encontrava, não tive dúvidas de que eu encontraria ajuda aqui, já que estava precisando de formação com este perfil para me auxiliar na tarefa, nada simples de ensinar. Portanto, me inscrevi no curso em 01 de novembro, pois havia sido prorrogada a data inicial de inscrições e fui aprovado na seleção, assistindo a aula inaugural em 09 de dezembro de 2011.

As aulas iniciaram em março de 2012 com previsão de encerrarem em março de 2014. Recebemos o calendário do curso e, deste momento em diante, avaliando a proposta concreta do curso, notei que a minha vida seria acrescida de grandes mudanças, no que se refere aos meus conceitos de ensino, decorrentes do aprendizado ali planejado.

#### 4.2 AS PERSPECTIVAS E NOVOS SABERES

Durante o curso de especialização que participei em 2009 que tratava de Informação Científica e Tecnologia na Saúde, tive os primeiros contatos com os textos do Filósofo Francês Edgar Morin. Mais recentemente, durante o desenvolver do CEFIMEES igualmente encontrei nos ensinamentos de Morin livros e artigos de grande valor. Dentre estes escritos destaco o trabalho por ele desenvolvido que trata dos saberes (sete) necessários e indispensáveis à educação do futuro. Neste livro Morin (2001) aponta um resumo sistematizado em sete reflexões, que para mim chegaram para alertar sobre o meu futuro na área da educação, se isso realmente era um propósito que me desafiava.

Dentre os sete saberes enumerados na sistematização de Morin, me chamou muito a atenção ao 3º ponto que ele chamou de “Ensinar a condição humana”. Na medida em que o homem é ao mesmo tempo um ser físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico, e poderíamos acrescentar, em outra dimensão, um ser espiritual, o qual tem sua natureza desintegrada pelo ensino estruturado em disciplinas, faz-se necessário conhecer este ser humano que se nos apresenta num ajuntamento, em uma turma na sala de aula.

Como segue Morin,

[...] a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo o ensino. É possível, como base nas disciplinas atuais, reconhecer a unidade e a complexidade humanas, reunindo e organizando conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas, na literatura e na filosofia, pondo em evidência o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo que é humano (MORIN, 2001, p. 15).

Ora, cada pessoa é um mundo à parte, um ser único sem cópias nem paradigmas reais, mas no momento que a vemos como aluno estamos vendo

apenas uma pequena faceta de um ser completo, que está apenas mostrando uma fatia de si. Como nós não conhecemos o aluno na sua totalidade, eu entendo que precisamos, como diz Morin (2001), ensinar com a perspectiva da humanidade e isso ocorre apenas com o conhecimento desenvolvido e experienciado no contato com pessoas.

#### 4.3 O PLANEJAMENTO COMO ALIADO NA SALA DE AULA

Durante o curso muitas novidades dentro do currículo apareceram, mas pudemos tomar contato também com antigos e bem conhecidos conceitos. Dentre estes ensinamentos antigos e, já muitas vezes estudado com perspectivas diferentes, posso destacar mais uma vez, o planejamento como a ferramenta que pode ser aplicada para todos os segmentos da nossa vida.

O termo Planejamento tem a perspectiva de previsão do futuro, ou seja, a antevisão daquilo que vai acontecer, ou que pretendemos que aconteça. Nas palavras de Ferreira (2000) é o contrário da improvisação. Na Educação não é diferente e os diversos autores têm se detalhado em segmentos que podemos chamar de mais amplos até os mais específicos e detalhados.

Decorrentes da visão de planejamento explanada por Leal (2005), podem ser relacionadas dimensões do planejamento como educacional como um todo, onde cabe ao Estado a sua formatação e execução, curricular, que orienta os professores na prática pedagógica, o planejamento do ensino que define, pelo professor, os objetivos a serem alcançados e o plano de aula, quando cada encontro é previamente programado, contemplando o conteúdo de cada hora-aula.

Como componentes do Plano de Curso temos a sua Identificação, a Ementa, o Objetivo Geral, os Objetivos Específicos, o conteúdo Programático, a Metodologia, a avaliação e a Bibliografia.

Os componentes do Plano de Ensino são os dados identificadores da Disciplina, da Turma, do Professor Responsável, do Curso, dos Créditos, da Carga Horária, dos Pré-Requisitos e ainda a Súmula, os Objetivos, o Conteúdo

Programático, a Metodologia, o Cronograma de Atividades, a Avaliação e as Referências.

No Plano de Aula, os componentes mais comuns são a Identificação e dados relativos ao encontro, o Conteúdo, os objetivos, as ideias de mobilização para a aprendizagem, a Metodologia, os Recursos a serem utilizados, uma Síntese de Integração e as Referências (LEAL, 2005).

Na minha prática, até então empírica, uma vez que não tive qualquer experiência prévia, sempre tive a visão de “medir” o conteúdo que eu mesmo havia definido como sendo o mais adequado a ser compartilhado com os alunos do Curso Técnico de Registro e Informação em Saúde, da Escola GHC.

Considerando então o volume de material que eu mesmo levantei e dispus para as aulas, calculei quantas aulas eu teria ao longo do semestre e tentei dividir os temas e assuntos de maneira que houvesse entendimento evolutivo, Isto é, iniciando pelas coisas mais básicas e evoluindo para as mais complexas dentro do assunto da disciplina.

Os atores que participam do Planejamento em geral dependem do nível de planejamento focado. No Planejamento educacional podem aparecer atores que nem passam perto dos alunos, assim como o próprio aluno, muitas vezes, nem sabe de onde vem esta orientação a qual resultou naqueles conteúdos que lhes são apresentados.

O importante no Planejamento é que cada ator envolvido, tenha noção de todo o processo educativo, uma vez que, independentemente do nível de participação, o que mais importa é que o processo esteja sempre bem vivo e atuante.

Outro fator importante do planejamento, que no caso da Educação se aplica igualmente, é a versatilidade em ser alterado durante o decorrer do período em que se está executando. A vida é feita de muitas mudanças e imprevistos e o planejador precisa dar conta destas mudanças, ainda que não previstas. Estas correções de rumo também precisam estar na retroalimentação do plano (LEAL, 2005).



#### 4.4 UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DO CURSO CTRIS

Dentre as muitas atividades desenvolvidas no CEFIMEES, pudemos como alunos analisar o currículo do CTRIS, uma vez que muitos teóricos têm estudado o tema e, como parte do nosso curso de formação, também exercitamos olhar crítico para esta atividade.

Segundo Veiga Neto (1996, p. 23) não é fácil discorrer sobre a análise de currículos, embora saliente que os mesmos resultem da necessidade de suprir deficiências educacionais. Os conteúdos e a maneira como serão desenvolvidos são de suma importância para atingir os objetivos educacionais do curso a que se propõem. Da mesma forma a escolha da bibliografia que comporá as disciplinas é uma tarefa difícil.

No plano político pedagógico analisado, foi feita uma pesquisa prévia de conteúdos já estabelecidos em cursos congêneres que precederam ao desenvolvido pelas Instituições GHC/IFERS. Já a bibliografia foi indicada pelos professores que integram o curso, de acordo com as ementas disciplinares, de forma a atender ao desenvolvimento de seus conteúdos. Neste momento pude participar desta tarefa indicando bibliografia clássica e textos que me eram familiares, ainda do tempo em que fiz minha formação na área de Sistemas de Informação.

Sob o ponto de vista das Leis de Diretrizes e Bases referentes à educação profissional e consultando o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos cujo eixo tecnológico é “ambiente, saúde e segurança”, o curso está inserido entre os que compreendem tecnologias destinadas à melhoria da qualidade de vida bem como à utilização de recursos tecnológicos que amparem a atenção à saúde. Aspectos como o número de horas de formação, temas abordados e infra-estrutura necessária, estão contemplados no currículo analisado. (BRASIL, 2012).

Para Campos et al (2001), o Sistema Único de Saúde preconiza a necessidade de formação de profissionais de saúde aptos a atuar de acordo com as diretrizes do Sistema e essa é uma deficiência a ser suprida. Entendemos naquela avaliação que o plano político pedagógico analisado está perfeitamente de acordo com essa premissa. A oferta de cursos que propiciem esse tipo de

aprendizado mostra-se ainda insuficiente no país, entretanto iniciativas como as do GHC/IFERS contribuem para a concretização da proposta política governamental.

Segundo a visão de Batista et al (2005) o processo avaliativo de experiências educacionais que visem formação de profissionais de saúde pressupõe práticas fundadas que articulem olhares dos sujeitos envolvidos através de auto-avaliação e heteroavaliação. Neste sentido o plano político pedagógico analisado propõe estágios, visitas observacionais, relatórios, que contemplam a visão prática dos objetivos propostos.

Como vivemos na sociedade da informação, urge que o profissional de saúde esteja inserido neste contexto, utilizando tecnologias da informação que propiciem um melhor fluir dos processos de trabalho no SUS. Os conteúdos propostos no PPP apresentam sincronia com essa proposta.

Como decorrência desta análise pudemos ainda na época, fazer sugestões complementares, as quais acreditamos ser de valia acrescentar.

Inicialmente sugerimos constar no Edital de Seleção do Curso uma divulgação sintética das atribuições do cargo a que se propõe e quais as qualificações necessárias para o seu exercício.

Sugerimos ainda, prever e prover sistemáticas e programas de apoio ao aluno nos aspectos educacionais, para nivelamento dos conhecimentos. Seriam indicadas aulas de reforço em disciplinas básicas ao Curso, tais como português, matemática e informática.

Finalmente indicamos prever a criação de convênios para suprir carências de âmbito psicossocial, tais como adaptação ao meio escolar e ao convívio social, pois há muita diversidade de faixas etárias, bem como diferença entre os alunos que recém concluíram o segundo grau, e aqueles que há muitos anos já não estudam. Os candidatos são selecionados pelo acesso universal, que é um direito. Neste caso a seleção pública dos candidatos ocorre por meio de sorteio, sem a obrigatoriedade de comprovação de saberes prévios.

Esta experiência, como crítico da construção de um curso do qual já estávamos participando, deu a cada participante do grupo de trabalho grande

valorização, na medida em que participamos também desta construção com sugestões que a nós pareceu adequadas.

A participação neste grupo me parece que me deu mais intimidade com alunos que ainda não sabíamos quem seriam, mas que, conhecendo melhor a proposta do curso, favoreceu-nos intuitivamente na prática do dia-a-dia como professor.

## 5 ENSINAMENTOS APREENDIDOS

Neste pouco tempo que tenho me colocado na condição de “estar professor”, de um curso técnico na área da saúde, posso apreender alguns ensinamentos os quais já tornaram o professor em um aluno, que apreende a partir das experiências vividas. Por outro lado, as muitas teorias e teóricos da educação, enfatizando saberes dos mais variados enfoques, têm auxiliado principalmente nos momentos em que a falta de ideias práticas sugerem embasamento nos pensadores.

A convivência semanal com pessoas inicialmente desconhecidas, que passam ao longo do semestre tornando-se amigos e parceiros, e que ao final do curso se mostram incentivadas por terem aprendido algo novo e produtivo para suas vidas, nos renovam no ânimo e em gratificação pessoal. Isso não deve ser novidade para aqueles professores mais experimentados, ao contrário, é seu combustível diário. Para o iniciante, o despertar de um convívio valorizado pelo reconhecimento.

Não posso deixar de registrar um momento muito particular desta trajetória, em que muitos alunos já passaram pelo CTRIS, os quais acompanhamos depois de formados. Muitos alunos egressos do curso aproveitaram bem o aprendizado que obtiveram com as experiências vividas nas práticas dentro do ambiente de assistência e se identificaram com o profissional, agente de registro da informação. Seguidamente recebemos notícias de alunos que foram selecionados em instituições renomadas, os quais atribuem o sucesso na seleção aos conhecimentos que aprenderam no CTRIS. Muitos prestaram prova participando de concurso no GHC para seleção de candidatos à vaga, para a função de Auxiliar Administrativo. Dentre estes, destaco uma senhora, de origem humilde do interior do Estado do Rio Grande do Sul, muito aplicada em sala de aula, que já havia demonstrado ter o sonho de trabalhar no GHC. Fiquei sabendo, através de uma rede social, em uma frase o sentimento dela ao ser chamada para assumir a vaga. Era inverno e ela relatou em sua página do Facebook, que omitirei propositalmente para preservar sua privacidade: “Agora eu estou trabalhando, em uma sala quentinha com ar condicionado e uma cadeira fofinha e confortável. Não

preciso de mais nada". Este registro mostra que na realização de um pequeno sonho pode haver tão grande significado para este ser humano, que conhecemos tão pouco, o aluno.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho procurei relatar os fatores importantes desde os primórdios de minha vida profissional, quando pude rever, além das lembranças da vida profissional inicial, alguns conceitos relacionados a prática profissional bem como sua evolução ao longo dos anos.

A oportunidade da docência aparece a seguir, a partir da necessidade de profissionais oriundos dos setores administrativos, dentro da área da saúde, para colaborarem com a transformação de sua experiência em sabedoria a ser compartilhada com alunos de um curso técnico. É claro que somente a experiência não foi suficiente para dar ao profissional o status de professor, o que determinou a sua busca por ajuda na academia, na Faculdade de Educação da UFRGS.

Esta busca por formação específica em educação está também relatada, onde procurei descrever pontos importantes do curso, que certamente embasarão minha atitude como professor, agora já habilitado. Dentre estes pontos o que mais deverá auxiliar no processo da docência, provavelmente será o planejamento, tanto de curso como também e principalmente das aulas, que ocorrem quase que diariamente.

A partir da formação obtida no CEFIMEES, considero maior a responsabilidade com os conceitos teóricos aprendidos. Os professores apenas nos alertaram para a grande variedade de assuntos que podem ser estudados, bem como o grande acervo de estudos e pesquisas já publicadas e disponíveis atualmente. Cumpre-nos o mister de buscar por mais e mais autores para que não confiemos apenas em nossa própria reflexão, senão que nos baseemos naqueles que já foram ao campo de batalha e de lá trouxeram grandes ensinamentos.

A evolução dentro da área da educação certamente irá ocorrer a partir do envolvimento com as tarefas escolares. Neste momento certamente já me vejo interessado em participar deste processo como as atividades a que são normalmente chamados os professores para orientação de trabalhos, acompanhamento de estágios monitorados e ainda para participar de formação de novos cursos na escola ou reformulação dos existentes. Neste aspecto, posso me

identificar com Paulo Freire (1996), quando refere que o ensinar exige a consciência do inacabamento.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Nildo et al. O enfoque problematizador na formação de profissionais de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 231-237, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº 1000, de 15 de abril de 2004. Certifica como hospital de ensino as instituições hospitalares que servirem de campo para prática de atividades curriculares na área da saúde.

**Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 abr. 2004. Disponível em:

<<http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelink.php?numlink=1-92-31-2004-04-15-1000>>. Acesso em: 4 dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Portaria Interministerial nº 1704, de 17 de agosto de 2004. Certifica unidades hospitalares como hospitais de ensino. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 ago. 2004. Disponível em:

<<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2004/GM/GM-1704.htm>>.

Acesso em: 4 dez. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. Escola GHC. **Plano Institucional de Desenvolvimento e Institucional de Ensino (PDI)**. Porto Alegre: [s.n.], 2009.

\_\_\_\_\_. **Plano do Curso Técnico em Registros e Informações em Saúde**.

Porto Alegre: [s.n.], 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pronatec. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Disponível em:

<[http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/catalogo\\_web.pdf](http://www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/catalogo_web.pdf)>. Acesso em: 3 dez. 2013.

CAMPOS, Francisco Eduardo de et al. Caminhos para aproximar a formação de profissionais da saúde das necessidades da atenção básica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 53-59. maio/ago. 2001.

CHAUÍ, M. S. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, F. W. **Planejamento sim e não**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEAL, R. B. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, Buenos Aires, n. 37/38, p. 1-6, 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1106Barros.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NOÉ, M. **Estratégias de ensino**: plano de curso. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/plano-curso.htm>>. Acesso em: 26 out. 2013.

SILVA, Alessandra Ximenes da; CRUZ, Eliane Aparecida; MELO, Verbena. A importância estratégica da informação em saúde para o exercício do controle social. **Ciência, Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 683-688, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000300018>>. Acesso em: 17 dez. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. EucaSaúde. **Processo classificatório**: inscrições e seleção. 10 out. 2010. Disponível em: <<http://www.educasaude.org/ensino/pg-lato-sensu/especializacao/formacao-integrada-multiprofissional-em-educacao-e-ensino-da-saude/edital/view>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e conflitos. In: Vera Regina Pires Moraes. (Org.). **Melhoria do ensino e capacitação docente**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996. p. 23-29.